Boletim Operário 363

Caxias do Sul, 13 de novembro de 2015.

Keep fighting

O Paiz
Rio de Janeiro
24 de agosto de 1891
Edição 3406
Capa

A Greve de ontem
Pare o Bonde

Mais uma greve para o rol das deste ano, rol muito longo, seja dito de passagem, e onde abundam mesmo as greves injustificadas. Os grevistas são os condutores de bondes da Companhia S. Cristóvão; o motivo da greve parece ter sido o seu não aumento de ordenados, anteriormente pedido, o que, aliás, ainda ninguém sabe ao certo. Em compensação, toda gente sabe quem foi o prejudicado com ela – foi o público, pobre diabo de holandês que anda eternamente a pagar o mal que não fez.

A greve de ontem foi planejada e resolvida pelos condutores de bondes. Estes contavam com a anuência dos cocheiros da mesma companhia a que eles pertencem, o que não obtiveram, aliás, por uma infinidade de magnificas razões.

Decidida a greve, espalhou-se logo o boato de que ela se ia efetuar. A diretoria da companhia de S. Cristóvão imediatamente avisada, providenciou como lhe cumpria faze-lo o Senhor Doutor Chefe de Polícia, que também teve imediata ciência do ocorrido, conferenciou a respeito com os Senhores Coronel Leite de Castro, comandante da Brigada Policial, e Doutor Queiroz Lima 2º Delegado, ficando este último encarregado das diligências precisas.

"Não aceite críticas de quem não conhece suas lutas..."

Passava-se isso anteontem. A noite o Senhor Coronel Leite de Castro mandou que ficassem de prontidão todos os batalhões da Brigada Policial, e ao mesmo tempo que essa ordem era expedida para os quartéis de Barbonos, Estácio de Sá, Rua General Caldwel e Rua de S. Cristóvão, o Senhor Doutor Chefe de Polícia mandava avisar a diferentes sub-delegados

Ainda a noite, às 10 horas, a Companhia de S. Cristóvão, requisitou da polícia uma força que lhe garantisse as suas linhas e estações. Foram-lhe enviadas as praças de cavalaria de que então se podia dispor.

E daí para a madrugada todas as patrulhas de cavalaria que terminavam o serviço de ronda e erram rendidas por outras, seguiam para a estação do Mangue, para auxiliar as que já lá estavam percorrendo as linhas em todas as direções.

Essa força de cavalaria ficou sob as ordens do Senhor Alferes Leite.

A greve rebentou pouco antes das 3 horas da madrugada.

Expedido aviso para a repartição da polícia, o Senhor Doutor Queiroz Lima, 2º Delegado, acompanhado do seu escrivão e do Senhor Doutor Luiz Quadros, médico da polícia, seguiu imediatamente num carro para a sessão do Mangue. Aí compareceu também o Senhor Coronel Ferreira, subdelegado do 1º distrito de Santa Ana.

O primeiro condutor chamado para o serviço recusou-se a fazê-lo, alegando que ele e os companheiros não estavam mais dispostos a trabalhar ganhando apenas 3.000 diários; outros o secundaram (ilegível) um aviso da diretoria pelo qual os condutores eram obrigados a restituir a companhia os bilhetes fiscais não aceitos pelos passageiros.

E os grevistas, divididos em grupos, espalhavam-se pela Rua Visconde de Inhaúma e pelas Ruas próximas, comentando o procedimento que para com eles tem tido a Companhia de S. Cristóvão. Afirmavam que ela se tem negado a satisfazer-lhes as suas reclamações. Esses grupos foram pouco a pouco dispersos pela polícia.

Entretanto, de alguns deles partiram pedras e garrafas arremessados contra os raros bondes que passavam àquela hora. Na Praça da República foi apedrejado o cocheiro de um desses veículos; outro levou uma valente pedrada ao passar pela Praça da Constituição.

Por esse motivo resolveu-se que os bondes que saíssem fossem acompanhados por praças de cavalaria desde o Largo de S. Francisco até a Estação do Mangue. Daí por diante as linhas estavam sendo constantemente percorridas por diferentes patrulhas. Os bondes da Tijuca eram acompanhados até a estação da muda e daí para cima vigiados pela patrulha do lugar.

Dissemos que os grevistas comentavam o procedimento dos diretores da Companhia de S. Cristóvão, negando-se a satisfazê-los no que eles lhes têm pretendido. Mas do que ouvimos, dito por grande parte dos reclamantes, coisa nenhuma autorizava a greve que se acabava de efetuar.

Eles afirmam, por exemplo, que não foi atendida uma representação assinada por quase todos e na qual pediam aumento dos ordenados, atentas a atual carestia de viveres e a deficiência dos vencimentos que há muito tempo percebem.

Ora, essa representação foi apresentada à Companhia de S. Cristóvão há apenas dois dias, e ontem mesmo o Senhor Doutor Rodolpho Baptista, que é um dos seus diretores, nos afirmou que ao contrário a reclamação ia ser atendida e que Sua Senhoria mesmo já estava organizando a tabela para o pedido aumento dos ordenados, feito por classe e de acordo com o tempo de serviço na casa que tivesse cada um dos referidos condutores.

ANARQUIA

Afirmam ainda que a Companhia de S. Cristóvão resolveu agora obriga-los a restituir os bilhetes fiscais não aceitos pelos passageiros, o que é uma medida vexatória além de ter sido tomada em prejuízo dos condutores pela perda dos bonus que dai lhes pudessem provir na respectiva extração.

Realmente a Companhia resolveu obriga-los a essa restituição, para evitar que o mesmo bilhete recusado por um passageiro fosse depois aceito por outro, o que faria com que o condutor deixasse de destacar do talão o segundo bilhete devido em prejuízo das rendas da companhia interessada.

Essa resolução foi mesmo afixada no quadro das ordens diariamente expedidas.

Mas o que a companhia fez com essa ordem foi apenas tornar obrigatório, sob pena de demissão, o depósito dos bilhetes fiscais não aceitos, em envelope fechado e com a declaração do nome e do número da chapa do condutor, e ainda com declaração do número de bilhetes que contivesse, para que nenhum cupom deixasse de ser destacado, é verdade, o que, aliás, é lógico e honesto, mas também para que o condutor assistisse a abertura do envelope no dia designado para ele, e pudesse verificar com os seus bilhetes se lhes coubera algum premio na respectiva extração. Os prêmios seriam única e exclusivamente seus.

Outras razões apontadas para a greve são de ordem mínima e apenas traduzem a irreflexão dos grevistas, mas ao seu procedimento não presidiram a calma e a justiça que lhes dariam as simpatias do público.

Prevenidos os diretores da Companhia de S. Cristóvão começaram logo as necessárias providências para que o serviço dos bondes não sofresse todos os maus efeitos da greve.

O Senhor Doutor Rodolpho Baptista chamado a toda pressa chegou a estação do Mangue num carro, as 3 horas e 40 minutos da madrugada e ali se entendeu com o Senhor Doutor 2º Delegado de Polícia.

Depois Sua Senhoria ordenou pelo telefone aos administradores das cocheiras da companhia, que fizesse sair os carros de linha e mandasse acompanhar o cocheiro por um empregado mesmo sem condutores. A cobrança seria feita no Mangue, ao pararem os carros ali. Esta claro que a companhia perdia passagens das pessoas que tivesse desembarcado antes.

Poucos minutos mais tarde o Senhor Doutor 2º Delegado, com o seu escrivão, o Senhor Doutor Luiz Quadros e dois agentes secretos, tomando lugar no mesmo carro em que viera, seguiu para a estação da Cancela, em S. Cristóvão, que se dizia estar ameaçada de assalto.

Alguns bondes que vinham da cidade foram a essa hora apedrejados. Efetuaram-se por isso diversas prisões de grevistas outros se evadiram com a aproximação da cavalaria.

Quando o 2º Subdelegado chegou da Estação da Cancela já aí estava o Subdelegado de S. Cristóvão, acompanhado do Alferes Ernesto Machado, comandante da 1ª Estação Policial. Nesta última estavam de prontidão 19 praças do 3º Batalhão de Infantaria de Polícia, ao mando de um furriel e que havia sido requisitadas para o que pudesse suceder.

Doze praças de cavalaria, também de polícia, às ordens do Alferes Andrade, guarneciam o Largo da Cancela, onde esta situada a Estação e a entrada da Rua da Feira, onde há outra estação, da companhia de S. Cristóvão. Para a ponta do Caju fora mandada uma patrulha de cavalaria, com ordem para estacionar no ponto dos bondes. Os pontos das linhas de Pedregulho, de S. Januário e da Alegria eram rondadas pelos patrulhas do costume.

O Senhor Doutor 2º Delegado informado de que o serviço estava sendo feito sem alteração da ordem, de conformidade com as determinações do Senhor Doutor Rodolpho Baptista, retirou-se para a cidade, deixando no Largo da Cancela o subdelegado Doutor Castro Junior e o comandante da estação policial.

Na estação da Rua da Feira o serviço foi feito muito mais dificilmente, por não haver pessoal que chegasse para ele. O primeiro bonde que saiu para o Caju para dai seguir para a cidade ia atrasado uma hora. Até às 6 horas da manhã, quando saiu um outro que foi diretamente para a cidade, era aquele o único bonde de que poderiam ter disposto os operários que ali residem.

A mesma coisa sucedeu com os bondes da Rua da Alegria.

O Senhor Coronel Delgado de Carvalho, presidente da Companhia de S. Cristóvão, foi mandado chamar as 4 ½ da manhã e as 5 horas chegava a Estação do Mangue, onde se conservou até adiantada hora da tarde.

Sua Senhoria providenciou desde logo para que os grevistas fossem sendo substituídos por outros empregados da companhia, fiscais e cocheiros tomaram o bonde da casa e foram fazer o serviço.

Alguns dos grevistas também se resolveram trabalhar, no que andaram muito razoavelmente. Estes, porém sofreram as vaias e as pedradas dos que mantinham a primitiva resolução.

As 7 horas o Senhor Coronel Silva Porto, Gerente da Companhia de Carris Urbanos, foi a Estação do Mangue oferecer parte do seu pessoal para fazer o serviço da Companhia de S. Cristóvão.

O Senhor Coronel Delgado de Carvalho aceitou esse oferecimento.

Às 7 horas e 25 apresentaram-se na Estação do Mangue onze dos condutores da Carris Urbanos, que foram designados para trabalhar nos carros especiais de corridas; oito que chegaram depois foram auxiliar o serviço dos carros de linha.

As viagens para as diferentes linhas foram feitas com pequena diferença do horário dos outros dias, graças as providências urgentemente tomadas pelos Senhores Coronel Delgado de Carvalho, Doutor Rodolpho Baptista e alguns dos outros diretores da Companhia.

Durante o dia sucederam-se as prisões de grevistas. Não houve, porém senão pequenos distúrbios provocados pelos mais exaltados dentre eles.

A tarde foi preso Antônio Pinto de Souza Medeiros que estava ostensivamente a frente de um grupo incitando-o a que não deixasse ninguém trabalhar.

A greve continua ainda.

Houve muitos e muitos incidentes sem importância.